

A Formação da Terceira Via Enquanto Objeto Discursivo: Uma Análise das Produções Opinativas do Jornal O Estado de S. Paulo¹

Esdras Alves de OLIVEIRA²

Marluce Pereira da SILVA³

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

RESUMO

Este trabalho busca, através de uma pesquisa qualitativo-interpretativista, apresentar o aparecimento da terceira via política enquanto um dos objetos discursivos presentes no discurso jornalístico do final de 2021. O estudo lança mão das teorizações encontradas no método da análise discursiva foucaultiana (2020), destacando a noção de “formação dos objetos” que integra a ideia de “formação discursiva”. Para isso, toma por corpus analítico cinco textos opinativos encontrados no jornal O Estado de S. Paulo nos meses de novembro e dezembro de 2021. A partir deles, problematiza e discute aspectos que atravessam este objeto e demonstram a necessária relação que possuem entre si, possibilitando o aparecimento da terceira via no contexto histórico e político contemporâneo. Com isso, a pesquisa aponta a influência da linha editorial do jornal O Estado de S. Paulo e o peso das estruturas jornalísticas na emergência da terceira via enquanto objeto discursivo.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Político; Terceira Via; Análise do Discurso; Formação dos Objetos; Foucault.

No final de 2021, como em todo ano pré-eleitoral, jornalistas e colunistas intensificaram o debate em torno dos prováveis candidatos à presidência da república que se apresentariam em 2022. Pesquisas à época apontavam Luís Inácio Lula da Silva (PT) e Jair Messias Bolsonaro (PL) como os principais elegíveis e prováveis opositores mútuos em um já esperado segundo turno.

Em seus textos de opinião, o jornal O Estado de S. Paulo apontou, repetidas vezes, a necessidade de se considerar uma opção que fugisse dos candidatos que saíram à frente nas pesquisas eleitorais, mas não foi apenas o periódico que trouxe esse tema à tona. Neste período, em alguns outros veículos da mídia, muito se falou sobre o

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos de/em Comunicação, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Recém-graduado do Curso de Jornalismo da UFPB, email: esdrassalvess@gmail.com

³ Professora do Curso de Jornalismo da UFPB (orientadora), email: marlucepereira@uol.com.br

carecimento de uma opção de terceira via. Enunciados produzidos nesse período apontaram para possíveis candidatos, como: Sérgio Moro (União Brasil), Ciro Gomes (PDT), João Dória (PSDB) e Simone Tebet (MDB). Além destes, outros nomes (com menor expressão política) apareceram com frequência em pesquisas de opinião e foram apontados como possíveis candidatos de terceira via. Com isso, apesar de não ser um candidato em específico, a terceira via vinha ocupando um espaço considerável em variados enunciados encontrados no jornalismo político brasileiro e passou a integrar o debate público com frequência.

Para o filósofo e teórico social Michel Foucault (2020), são justamente as regularidades discursivas produzidas por esses enunciados que permitem o aparecimento de algo enquanto uma verdade ou saber (científico ou não) nos discursos que atravessam um determinado campo, trazendo a possibilidade de sentido de um enunciado em um determinado contexto.

O jornalismo, enquanto lugar de circulação e produção de sentidos, permite o (re)surgimento de diversos enunciados e a emersão de regularidades discursivas que auxiliam a construção deste momento enquanto o recorte sócio histórico adequado para a aparição deste e de vários outros temas, criando possibilidades de verdade. Márcia Benetti e Nilda Jacks (2001) desenvolvem este pensamento:

Não há jornalismo sem aquilo que costumamos compreender como sendo “exterior”: os fatos, as relações de poder, os contextos sociais, as decisões políticas, os interesses econômicos, as crenças religiosas, as concepções estéticas. Tudo isso, que por uma questão de recorte temos por hábito deixar “fora” do discurso, na verdade o constitui. O discurso é o resultado de tudo que lhe parece externo. Em um movimento complexo, o jornalismo mostra e esconde o que convém a seus enunciadores por meio de estratégias discursivas. (Benetti; Jacks, 2001, p. 12).

É com essa compreensão que procuramos discutir e problematizar o campo de possibilidades que fez emergir no discurso jornalístico e político o objeto da terceira via nas eleições presidenciais do Brasil em 2022.

Para isso, tomaremos como corpus analítico as notícias do periódico O Estado de S. Paulo nos últimos dois meses do ano pré-eleitoral de 2021 e faremos uso da análise discursiva foucaultiana, alinhados ao método arqueológico do pensador francês. No entanto, antes de adentrar a análise, precisamos nos ater brevemente a alguns conceitos que regem a análise discursiva e o método arqueológico de Foucault.

Como nos lembra a linguista Eni Orlandi (2012), existem diversas maneiras de se estudar a linguagem. Podemos nos ater a seus diferentes aspectos e produzir inúmeros tipos de estudo a partir de suas regras ou particularidades. A análise do discurso (AD) é uma dessas maneiras, por compreender a língua além de um sistema de signos ou sistema de regras formais. A AD trabalha a língua em contato com o que a margeia e a atravessa, observando como ela produz a particularidade de sua apresentação naquele momento específico.

Em sua obra “A arqueologia do Saber” (2020), Michel Foucault esboça seu conceito em torno dessa metodologia, que tomaremos como base para esta análise:

A análise do campo discursivo [...], trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que formas de enunciação exclui. Não se busca, sob o que está manifesto, a conversa semisilenciosa de um outro discurso: deve-se mostrar por que não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa, no meio dos outros e relacionado a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar. (Foucault, 2020, p. 34).

Sob a abordagem de Foucault, a análise discursiva explora a singularidade dos enunciados observados e, através do método arqueológico desenvolvido pelo autor, busca descobrir e apresentar as regras que dirigem o discurso, problematizando como estes produzem novos enunciados. Estas regras reunidas integram uma importante noção para nossa pesquisa, a de formação discursiva. Ainda em “A Arqueologia do Saber” (2020) o autor detalha esta ideia:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações, diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva - evitando assim, palavras demasiado carregadas de condições e consequências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como “ciência”, ou “ideologia”, ou “teoria”, ou “domínio de objetividade”. (Foucault, 2020, p. 47).

Vale destacar que, neste momento, discursos são compreendidos pelo autor enquanto dispersões e práticas complexas. Sendo assim, não representam ou demonstram simplesmente um resultado do que se produziu anteriormente a sua enunciação. Negando a quietude com a qual a noção de continuidade histórica é aceita

ao, geralmente, analisarmos um conjunto de enunciados e problematizando a tradição histórica do pensamento, o autor nos convida a interrogar o discurso apresentado dentro do próprio discurso, tomando-o por base de toda a análise. Busca-se individualizar o discurso para descrevê-lo em sua singularidade. Assim, o método proposto deve se dar na observação do discurso em sua condição de existência, isto é, deve ser tratado de acordo com o que tornou sua ocorrência possível. (Vandresen, 2010).

Essa análise do discurso proposta pode ser observada em quatro níveis: objetos, tipos de enunciação, conceitos e estratégias. Ao revisar os estudos de Roberto Machado (1981) relativos à *Arqueologia do Saber*, Vandresen (2010) explica os diferentes níveis:

[...] ao nível do objeto, trata-se de compreender as regras que permitem que algo apareça como objeto de um discurso; ao nível dos tipos enunciativos, trata-se de analisar as regras que tornam possível a existência de enunciações diversas na constituição de um discurso; ao nível dos conceitos, trata-se de analisá-lo a partir do que Foucault chama “pré-conceitual”, aquilo que torna possível seu aparecimento e transformação; e ao nível das estratégias (temas e teorias), trata-se de definir o sistema de formação das diferentes estratégias que individualizam um discurso. Enfim, ter o discurso como objeto de estudo é estabelecer sua regularidade. (Vandresen, 2010, p. 6).

Situada nessas definições, a análise discursiva nos permite, ao tomar o material jornalístico enquanto corpus em uma pesquisa, realizar uma análise que ultrapasse a interpretação subjetiva dos interditos esboçados em uma notícia, seja ela de opinião ou não.

Buscamos, assim, problematizar e discutir a formação discursiva em que a terceira via se estabeleceu enquanto pauta regular nos textos opinativos trabalhados considerando, mais especificamente, a formação da terceira via enquanto objeto discursivo. Para tanto, considerando este período um momento ímpar de efervescência política, nos focamos em selecionar materiais que foram produzidos nos últimos dois meses do ano anterior às eleições. Reunimos para leitura prévia 37 matérias de novembro e dezembro de 2021 encontradas na versão online do periódico, que surgiram como resultado para o filtro de pesquisa “Opinião” ao procurar por produções vinculadas ao termo “terceira via” na aba de busca do portal. Fixando a análise no material que, de fato, apresentava a opinião de jornalistas, colaboradores e a opinião da empresa, selecionamos cinco produções jornalísticas e alguns materiais anteriores que podem ser vinculados à construção sócio-histórica da temática em nosso recorte

temporal. Aplicamos a eles a ideia discutida por Foucault (2020) de formação dos objetos, que constitui parte do diálogo em torno das formações discursivas. Por fim, desenvolvemos a pesquisa considerando aspectos que constatamos como imprescindíveis para a formação regular deste objeto no discurso em que se inscreve.

Em suma, podemos concluir parcialmente que os enunciados considerados durante a análise fornecem indícios da questão a qual nos propomos discutir, ou seja, demonstram marcas do aparecimento do objeto de terceira via, através de alguns aspectos. O primeiro deles reside no nível mais básico da produção de notícias, a seleção que ocorre frente a abundância de acontecimentos e informações do cotidiano. Para um fato integrar as páginas de um periódico deve, a princípio, ser considerado “importante” o suficiente, possuir o que os teóricos do jornalismo definem como noticiabilidade. O sociólogo italiano Mauro Wolf (1995) define melhor esse conceito:

A noticiabilidade é constituída pelo conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos - do ponto de vista da estrutura do trabalho nos órgãos de informação e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas - para adquirirem a existência pública de notícias. Tudo o que não corresponde a esses requisitos é “excluído”, por não ser adequado às rotinas produtivas e aos cânones da cultura profissional.

Apesar de elucidarem diversos aspectos que levaram esse tema às páginas de opinião do Estado de S. Paulo, os valores notícia por si só não formulam objetos discursivos no jornalismo. Superado temporariamente o aspecto da noticiabilidade no que tange à emergência do objeto de terceira via, podemos considerar ainda que antes e durante o nível de seleção e reconhecimento destes acontecimentos enquanto fatos noticiáveis, estes também são atravessados pelas características específicas do tipo de jornalismo pelo qual eles estão sendo reconhecidos e publicados, o que tem sua parcela de impacto na formação desse objeto discursivo. Os textos que tomamos por base se enquadram no que se convencionou chamar de jornalismo opinativo, que engloba produções nas quais podemos observar abertamente a expressão de opinião e atribuição de valores aos acontecimentos noticiados.

As colocações analisadas podem encontrar no opinativo o espaço e nos valores notícia suas justificativas iniciais, mas ainda assim isto não explica a formação do objeto de terceira via, não por completo. Na realidade, estes aspectos, com os devidos ajustes, poderiam ser aplicados a muitos outros temas diferentes, publicados em outros

jornais. Precisamos considerar ainda que a terceira via também surge aqui e em outros discursos a partir de contextos históricos próprios, especificamente neste caso, o do veículo que publica os produtos que analisamos e o contexto dela mesma. Resumindo, assim como outros objetos, ela é também um produto histórico dentro de condições de possibilidade. Questões como a longa jornada de décadas de um forte posicionamento político por parte do Estadão, que por vezes beirou a propaganda política, e o momento político nacional, de forte descontentamento político generalizado devem ser considerados ao pensar neste aspecto.

Tendo em vista essas apreensões, o uso da análise discursiva nesta pesquisa se mostra proveitoso no intuito de atenuar a opacidade com a que observamos o jornalismo atravessar as formações discursivas no mundo político. A partir dos gestos de interpretação aqui realizados podemos nos lançar sob novas questões em torno das demais categorias observadas nos sistemas de dispersão que configuram as formações discursivas (modalidades enunciativas, conceitos e estratégias) presentes nos discursos notados nesta pesquisa (Foucault, 2020). Com isso, propomos a continuidade de uma análise frequente do fazer jornalístico, sob um olhar interdisciplinar, que consiga abarcar a multiplicidade de fatores que atravessam este ofício e que, com isso, alcançam direta e indiretamente a sociedade civil.

REFERÊNCIAS

- BENETTI, Marcia; JACKS, Nilda Aparecida . O discurso jornalístico. In: **X Compós - Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2001**, Brasília. Anais do X Encontro Anual da Compós, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2020.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 10 ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.
- VANDRESEN, D. S. **O discurso na arqueologia e genealogia de Michel Foucault**. 2010. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/FILOSOFIA/Artigos/Daniel_Salesio_Vandresen.pdf. Acesso em 28 out. 2023.
- WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 4 ed. Lisboa: Editorial Presença, 1995.